

A FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO: O NORDESTE É AQUI?



LÚCIA ARRAIS MORALES

Caminhos retos não existem na Feira de São Cristóvão. Percorrê-la é adentrar em curvas, labirintos, interdições à passagem, áreas abertas e o súbito deparar-se com paus de barracas e fogareiros de milho assado e churrasquinhos. Nela nada fica igual ao mesmo tempo. Não há um traçado regular sobre o qual seja possível se guiar. A atenção é despertada por sons musicais, ruídos, objetos, caminhos a optar e o vai e vem contínuo de pessoas. Ela se abre em todas as direções e acolhe o zabumba e os brinquedos do Paraguai. Os retratistas e os fotógrafos com máquinas

polaroyd. Os repentistas e os conjuntos com guitarra, baixo e bateria. O sarapatel e a lingüiça à calabresa. O homem que manipula cobras e lagartos, para vender produtos ditos medicinais, e as barracas de cds que possuem equipamento possante para atrair seus fregueses. Assim, tradicional e moderno convivem, lado a lado, e se interferem mutuamente.

Duas atividades humanas básicas estão interligadas na Feira de São Cristóvão: o trabalho e o lazer. Ela não é simplesmente o lugar onde se vendem e se compram mercadorias. Nela, também, se vai para o almoço do

domingo com a família, para dançar, namorar, paquerar, comemorar aniversários e procurar companhia. Enfim, é uma forma de diversão em espaço aberto e público, onde não se paga para entrar e no qual se pode dançar, sem necessariamente ter que gastar dinheiro.

Tanto para aqueles que a conhecem, como para aqueles que estão indo pela primeira vez, a presença da Feira é sentida antes que se avistem as cobertas azul e laranja que cobrem suas barracas. Para quem dela se acerca, é a música o que primeiro se destaca. Há uma mistura de ritmos que vai

A AUTORA É DOUTORA EM ANTROPOLOGIA PELO MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. PROFESSORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

desde a chamada música nordestina até a denominada música romântica, passando pelo rock e pelo pagode. Em determinados pontos, ela chega a ser ensurdecedora e durante o verão, quando a temperatura atinge os quarenta graus, ela é um elemento a mais para o cansaço e a irritação. Contudo, para feirantes e freqüentadores habituais é como se esta mistura de sons estivesse aglutinada às suas atividades e por isso não demonstram incômodo. Além disso, para quem adentra a Feira pela primeira vez, é possível sentir-se desorientado no que se pode chamar de confusão, balbúrdia, desordem e barulho. Contudo, ao continuar freqüentando, em pouco tempo passará a vê-la como algo ordenado e se moverá sabendo em que ponto encontrar o quê e quem. Aprenderá as regras que regem a ocupação do espaço, que definem domínios e dotam de sentido e racionalidade a vida de todos ali. Em outras palavras, ele irá captar uma lógica que preside a apropriação do lugar.

O TRABALHO PARA FAZER A FEIRA ACONTECER

A Feira se realiza semanalmente no Campo de São Cristóvão localizado no bairro de São Cristóvão, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Este bairro fica há poucos minutos da Rodoviária e do Centro da cidade.

Faz fronteira com duas das principais avenidas do Rio de Janeiro: a Avenida Brasil e a Avenida Presidente Vargas. Nelas circulam as diversas linhas de ônibus que atendem aos moradores da zona norte e Baixada Fluminense, onde um expressivo contingente de nordestinos residem.

No período de aproximadamente duas décadas, a Feira só funcionou durante o dia dos domingos. Por volta de 1965, segundo feirantes que nela atuam desde 1959, a Feira passou a acontecer a partir das noites de sábado. Atualmente, muitas de suas barracas e bancas começam a ser armadas no final da manhã de sábado e só vão ser desarmadas nos finais das tardes de domingo. Com isso, a Feira dos nordestinos no Campo de São Cristóvão tem uma duração semanal que ultrapassa as vinte e quatro horas.

No final da manhã de sábado intensifica-se o movimento no Campo de São Cristóvão. São caminhões, kombis e carros trazendo o material para a armação de bancas e barracas da Feira. Homens, mulheres e crianças participam intensamente da operação de retirar o material destes veículos e colocá-los no lugar destinado a cada um. É um ir e vir constante de indivíduos transportando objetos. Os homens carregam os objetos mais pesados como as tábuas de madeira, os rolos de corda, os tabuleiros, os bujões de gás, os engradados de refrigerantes e cerveja, as mercadorias acondicionadas em grandes sacos

de pano e as peças de carne de boi e lingüiça. As mulheres cuidam dos utensílios de cozinha, ajudam com as cordas, as cadeiras e mesas de metal e carregam as mercadorias menos volumosas. As crianças maiores empurram carros de mão, conduzindo objetos necessários ao funcionamento da barraca. Geralmente estas crianças são do sexo masculino.

As crianças menores ajudam a mulher, que normalmente é a mãe, na arrumação de copos, pratos e talheres. Algumas carregam frutas e os pequenos objetos. Há meninos crescidos nas barracas onde se dança o forró. Eles ajudam servindo os freqüentadores. Por outro lado, onde existem mais meninas são nas barracas de tapioca. Elas auxiliam as mulheres mais velhas, ralando o coco ou revolvendo com os dedos a goma no preparo da tapioca. Na grande maioria das vezes, estas meninas são filhas da própria dona da barraca ou, então, de alguma feirante vizinha amiga da mãe.

Durante a armação da Feira se ouve o barulho constante de madeiras sendo lançadas ao chão, vozes gritando comandos, objetos de metal sendo arrastados e motores de veículos partindo ou chegando. Cordas são lançadas para o alto, esticadas e usadas para prender a cobertura da barraca. Além de proteger as pessoas contra o sol e a chuva, a cobertura impõe a existência da barraca frente às demais.

Observa-se que as pessoas executam movimentos longos, como o de levantar os braços, agachar-se, descer e subir das caçambas dos carros e empurrar objetos com os pés ou com as mãos. É um trabalho intenso em que todos agem em conjunto e as atividades obedecem a critérios de sexo e idade. A tarefa de armar as barracas e bancas exige essencialmente força. Os homens não apenas carregam as peças de madeira como, também, estão obrigatoriamente presentes no momento de erguê-las, montá-las e desmontá-las. Para os feirantes, a diferença entre barraca e banca é definida pelo uso ou não de cobertura. A cobertura valoriza e é vista como símbolo do poder econômico dentro da Feira.

Por volta das quatro horas da tarde do sábado um grande número de barracas e bancas já está montado. Algumas bem antes, principalmente as que oferecem a chamada comida nordestina: o sarapatel, a buchada, o baião-de-dois etc. Com isso, casais, famílias, grupos de homens e mulheres, bem como pessoas sozinhas, procuram a Feira, neste horário, para almoçar.

Quem se dirige à Feira nas noites de sábado e nas madrugadas de domingo, encontra um ambiente onde prevalece a diversão. É a hora do forró, da lambada, do pagode, executados ao vivo. Como também, dos cantadores de repente. Entre 19 e 21 horas cresce a afluência de pessoas à

Feira. Nota-se, então, diferentemente do domingo, uma expressiva frequência de crianças acompanhando os adultos. E com elas a presença de vendedores ambulantes oferecendo balões, ursos, bolas, carros, macaquinhos e outros tipos de brinquedos. Depois da 21 horas o movimento vai tomando impulso, tendo o seu auge entre meia noite e 4 horas da madrugada. Todavia, até por volta das 7 horas da manhã do domingo ainda se observam barracas com muitas pessoas dançando, bebendo ou comendo. Nesta hora os músicos, que se revezam durante a noite e a madrugada, fazem uma pausa e retornam mais tarde, depois das 10 horas da manhã. No sábado, também são instaladas as barracas que vendem



os “produtos do norte”. As diversas variedades de feijão (de corda, roxinho, olho de frade, fava, feijão manteiga e, em algumas, o preto) e os diferentes tipos de farinha de mandioca (fina, grossa, d’água, quebradinha), estão colocados em cima de tábuas em sacos de estopa de 60 a 80 quilos. Estes sacos ficam abertos para que os compradores possam examinar o produto. É comum observar as pessoas pegando um punhado de farinha, balançá-la levemente, fechar um pouco a mão e esfregá-la entre os dedos ou sacudí-la rapidamente em direção à boca. Com estes procedimentos, os compradores procuram conferir a qualidade do produto. Os sacos de bolachas seca, doce e salgada, denominadas de “bolachas do norte”, são expostos da mesma maneira que as sacas de feijão e farinha. Num local do balcão, ainda encontramos as pilhas de “riboça” (ave salgada semelhante a um pombo) e os peixes secos de água doce (curimatã e pirarucu) estendidos nos tabuleiros, ou pendurados. Para a carne-de-sol também se usa o mesmo procedimento, umas são penduradas e outras empilhadas. Em outro tabuleiro são arrumadas as rapaduras, a batida e o mel. Próximo, ficam as garrafas com manteiga da terra, os queijos manteiga e de coalho e as castanhas de caju já embaladas em sacos plásticos. As fileiras de garrafas de cachaça de diversas marcas (Chave de Ouro, Ypioca, Pitu, Maribondo, Engenho-do-Meio, Serra Grande, Kariri etc.) estão presas entre si através de um

barbante grosso. Ainda nestas barracas de “produtos do norte” são vendidos sal grosso, carvão em saco, cordas, pás para rebocar parede e raspador de coco. Pendurados estão candeeiros de flandre, chapéus de couro, baladeiras, peneiras grandes e pequenas, apitos de madeira para chamar passarinho, abanadores e redes. Observa-se que os donos dessas barracas têm um cuidado com o arranjo, a disposição e a estética do seu negócio.

Ao amanhecer do domingo, por volta das 5 horas, ouvem-se outros sons e percebe-se um outro tipo de movimento de pessoas. São os feirantes que trabalham apenas no domingo e estão retirando de caminhões, caminhonetes, kombis e carros, o material para a armação de suas barracas. Entre 6 e 7 horas da manhã intensifica-se bastante o número de feirantes que vão tomando posse de seus pontos. O espaço que antes permitia uma livre circulação, vai se tornando densamente ocupado. Em pouco tempo se perde a visão de longa distância da Feira. Enquanto no sábado esta tarefa de transportar o material dos veículos para o ponto na Feira é feita com uma certa descontração, observa-se aqui uma rapidez ou mesmo pressa. Os homens ficam concentrados, sérios, numa atividade quase ininterrupta e dirigindo toda a atenção para esta tarefa. Quanto mais rápido montarem, mais cedo começarão a atrair a freguesia pois por volta de 8:30 já é significativo o número de pessoas que transitam na Feira.

Quando as barracas e bancas estão com suas estruturas armadas, as atenções se voltam para as mercadorias: discos, roupas, sapatos, mochilas, bolsas de viagem, toalhas de banho, rádios, gravadores, perfumes, bijuterias, ferramentas etc. A disposição da mercadoria é um item importante, uma vez que ela implica na segurança dos objetos, no uso racional do espaço e no potencial de apelo que os objetos terão sobre o consumidor. Mas existem feirantes que não usam nem bancas nem barracas, eles expõem sua mercadoria no chão em cima de plásticos.

Não se vêem na Feira, nem no sábado nem no domingo, barracas vendendo os diferentes tipos de bordados em toalhas de mesa e roupas. O pouco que existe são blusas em ponto de cruz. Da mesma forma, o artesanato de cerâmica é, no momento, inexistente na Feira. O couro está presente através dos tapetes de pele de animais, das bainhas para faca, dos cintos para colocar instrumentos da construção civil e através do famoso chapéu de couro. A corda está presente em cestas, sacolas e nos arranjos para colocar jarros com plantas ou simplesmente para servir de enfeite. Estes dois materiais, o couro e a corda, são os que predominam na Feira. Eles são pendurados nos toldos da barraca, à exceção das bainhas para faca, ou expostos nos tabuleiros junto com as peças em madeira. As redes também entram nesse arranjo. Uma parte é exposta em pilhas nos tabuleiros e outras são

penduradas e se transformam numa espécie de cortina da barraca. Esse arranjo produz uma estética que atrai aqueles que estão conhecendo a Feira, e é agradável para quem por lá circula com frequência.

As barracas de fumo também são instaladas no domingo e funcionam até por volta das 14 horas. Elas vendem cachimbos, rapé, papel para fazer cigarro, fumo já ensacado de fábrica e o de Arapiraca (Alagoas), vendido em grossas cordas em forma de rolo. Nestas barracas trabalham homens, embora em uma delas se note a presença de uma mulher e um menino, respectivamente esposa e filho do dono. A manipulação com o fumo-de-rolo é executada, normalmente, pelo dono da barraca, o qual fica com as mãos impregnadas de uma substância amarela escura. A venda dos outros produtos é feita por outras pessoas. O fumo-de-rolo é vendido em pedaços, que são mascados ou transformados em cigarros. Este preparo consiste em picá-lo bem miudinho e enrolá-lo num papel apropriado. Feito isto, o vendedor passa a língua nas bordas do papel, aperta as extremidades e com os dentes corta uma delas. Ele acende, volta a partir com os dentes o local onde pôs a boca, e entrega o cigarro preparado para o freguês experimentá-lo. As pessoas que se aproximam destas barracas são geralmente homens de origem nordestina e com mais de 45 anos. Há poucas mulheres, e quando há, são pessoas idosas que usam

mascar o fumo.

Entre 11 horas da manhã e 13 horas da tarde, o ir e vir de freqüentadores é intenso e constante por entre as barracas e bancas. Eles caminham em estreitos espaços, desviando-se das roupas penduradas em cabides e dos tabuleiros, que em grande número, tamanhos desiguais e muito próximos um dos outros, transformam a Feira numa espécie de labirinto. O barulho em determinados pontos é ensurdecedor. São autofalantes, caixas de som e motores das moendas do caldo-de-cana.

A expressiva maioria desses freqüentadores é masculina e muitos deles apenas caminham, como se fizessem um passeio. Normalmente não estão sozinhos, prevalecendo grupos de 3 ou 2 pessoas. Os homens mais jovens costumam estar mais bem vestidos; camisa para dentro da calça comprida, cinto e sapato com meia. Já os mais velhos não se apresentam com esse cuidado, sendo comum entre eles o uso de bermuda, camiseta, tênis ou sandálias. Entre as mulheres que freqüentam a Feira no domingo, o grupo mais jovem é também aquele que mais se esmera na aparência.

Uma vez que a proximidade corporal entre as pessoas que ali transitam é muito grande, observa-se entre elas um certo cuidado em não tocar no corpo uma das outras. Quando param, o fazem para examinar melhor um produto, comprar ou mudar o seu percurso. Mesmo assim, há uma preocupação em se

colocar de forma a não obstruir o trânsito. Esta elevada densidade torna as gesticulações e o caminhar dessas pessoas mais contraídos. O grau de concentração de barracas e bancas é tão alto que em determinados momentos é difícil se ver outra coisa além do que está bem próximo aos olhos. O resto da Feira chega através de cheiros e sons como o da sanfona e do triângulo, o aroma do sarapatel e do feijão mulatinho.

Entre os que circulam na Feira há freqüentadores eventuais e assíduos. Contudo, há pessoas que mantêm uma relação distante, externa e, por vezes, oportunista com o evento da Feira: pedintes, ladrões e a força policial. O público eventual é formado, em sua grande parte, por pesquisadores, jornalistas e turistas. O público constante é de baixa renda, de origem rural nordestina e mora na zona norte do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense, locais onde residem as camadas da população de mais baixa renda do Estado. Contudo, este público constante, assim com o eventual, também é composto por pessoas pobres não-nordestinas que nasceram ou vivem no Rio de Janeiro, cuja



situação de vida é muito semelhante à dos nordestinos. De uma forma ou de outra, estes diferentes tipos de público indicam que os objetivos dos que procuram a Feira são distintos, complexos e muitas vezes uma combinação de alguns deles: ver o exótico, encontrar e fazer amizade, namorar, paquerar, dançar, conseguir companhia por uma noite, roubar, comprar, conhecer, sair do tédio etc.

A DECADÊNCIA DO BAIRRO DE SÃO CRISTÓVÃO E A PRESENÇA DOS NORDESTINOS

Historicamente, no período colonial, este bairro fez parte de uma imensa sesmaria doada pela coroa portuguesa aos jesuítas, os quais deram o nome de Fazenda São Cristóvão. Contudo, em meados do século XVIII, os jesuítas são expulsos de Portugal e de seus domínios coloniais. Com isto, todos os seus bens são seqüestrados. A imensa fazenda de São Cristóvão é parcelada em lotes, que são vendidos, e deles surgem chácaras, sítios e estradas que interligam estes vários lugares e vão dando a São Cristóvão um lugar de importância dentro da cidade do Rio de Janeiro.

Um desses lotes foi adquirido por um rico negociante, que lhe deu o nome de “Quinta

da Boa Vista” e nela construiu uma das mais exuberantes residências do Rio de Janeiro na época. Esta residência seria ocupada, posteriormente, pela família real quando de sua transferência para o Brasil, no início do século XIX.

A instalação da corte portuguesa na Quinta da Boa Vista transforma São Cristóvão no local mais aristocrático da cidade. O grande número de chácaras construídas, algumas bastante suntuosas, servem como residência temporária ou permanente, dos fidalgos portugueses, dos funcionários, dos comerciantes que se acercam do poder real para usufruir de privilégios. Devido a estas circunstâncias muitas melhorias são realizadas e São Cristóvão passa a possuir o melhor fornecimento de água do Rio de Janeiro e, também, o mais bem servido sistema de esgotos sanitários.

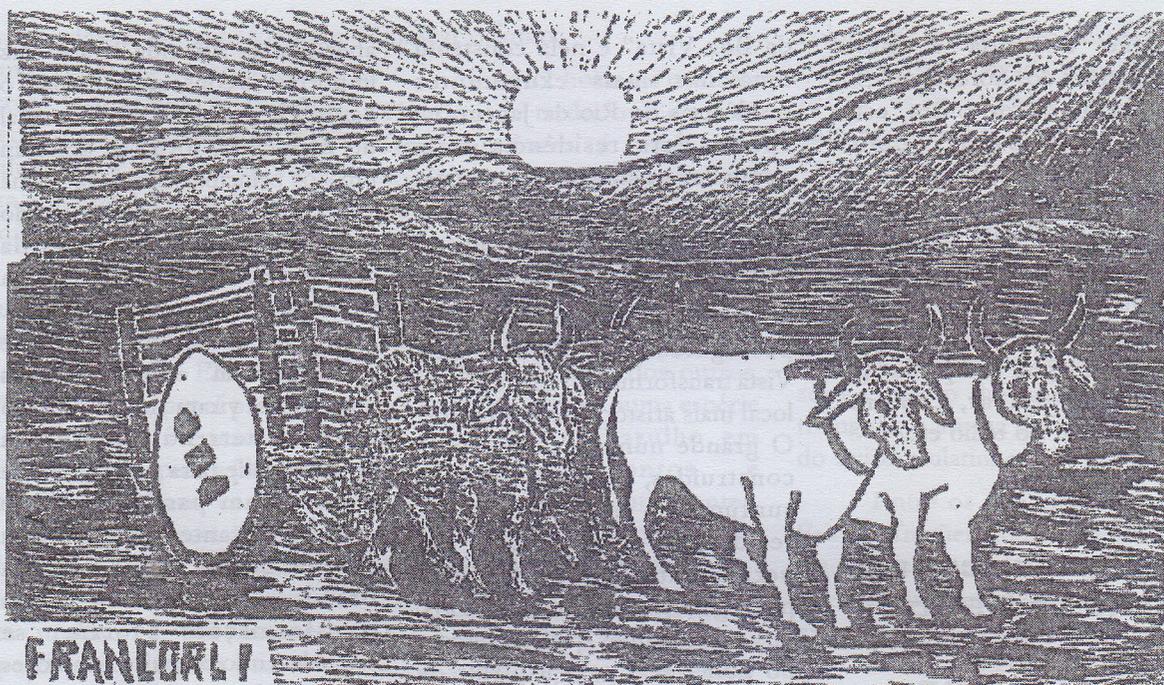
A partir de meados do século XIX esta infra-estrutura privilegiada passa a atrair os projetos de instalação de indústrias. Com o tempo, São Cristóvão firma-se como o principal pólo industrial do Rio de Janeiro. Daí, então, há uma modificação no perfil deste bairro, que perde seu prestígio enquanto área residencial nobre e se torna uma área industrial. Com isto, a elite se desloca para a zona sul e elege como estilo de vida moderno o fato de residir próximo à beira-mar.

São Cristóvão continua sua trajetória industrial e, em 1940, a

abertura da Avenida Brasil traz importantes conseqüências para o bairro. De principal pólo industrial do município, torna-se também um dos principais eixos da malha viária, dando acesso fácil e rápido aos pontos mais distantes da cidade. Esse fato gerou uma valorização dos terrenos do bairro. As grandes indústrias, que necessitavam expandir suas instalações, viram na valorização dos seus terrenos uma ótima oportunidade para vendê-los e se transferiram para locais, que embora distantes, já contavam com os benefícios da Avenida Brasil. Diante destas transformações foram se estabelecendo no bairro trapiches e depósitos. Com isso, a concentração de capital atacadista se mostrou bastante acentuada.

São Cristóvão, então, que há muito deixara de ser área nobre, perde também sua posição de destaque enquanto pólo industrial. Atualmente concentra pequenas indústrias, comércios atacadistas e, principalmente, o comércio de automóveis e seus subsídios.

A construção da rodovia Rio-Bahia na década de 40 trouxe outra conseqüência para o bairro. Ela facilitou o aumento da migração de nordestina feita através de caminhões, denominados “paus-de-arara”, que tinham como ponto final o Campo de São Cristóvão. Os antigos casarões, mal conservados e deteriorados, se transformam em pensões e casas de cômodos, os chamados “cabeças-de-porco”, para abrigarem os migrantes. Ao



mesmo tempo, o Campo de São Cristóvão se tornava o ponto de encontro de nordestinos e fazia surgir a Feira que ainda hoje ali se realiza. Dessa forma, a ascensão dos nordestinos no Campo de São Cristóvão se dá no momento em que o bairro vive sua decadência.

O NORDESTE NÃO É AQUI NEM ALI

Barth (1989) propõe de forma incisiva que se deixem de lado as orientações teóricas embebidas de uma concepção de cultura, que nos força a raciocinar em termos de adequação, unidade e harmonia, quando estudamos a organização que os homens

imprimem à vida. Ele afirma que o que se revela a nós em qualquer contexto de pesquisa é múltiplo e discrepante, e justamente por não poder ser abarcado por estes esquemas teóricos, se transforma num elemento perturbador, do qual, por vezes, procuramos nos desvencilhar.

Barth propõe o movimento inverso, ou seja, que se procure ressaltar e dar relevo à multiplicidade incoerente de códigos atuante no viver diário e corriqueiro de um grupo. Feito isso, que se proceda a um exame de suas conexões, de sua lógica, enfim, do sentido ali presente. A Feira de São Cristóvão se mostra como um espaço fecundo para esta proposta de Barth. Suas práticas e seus artefatos são variados. Buscar no seu interior o homogêneo, coerente e

harmônico é produzir equívocos.

Manejando com sinais e símbolos de uma tradição, a Feira persiste e se organiza com a pretensão de se expor como a imagem da vida tal qual é vivida no Nordeste. Ou seja, ela procura se mostrar como a depositária dos sinais distintivos de uma identidade nordestina entre os quais estão a culinária, a dança, a música e o artesanato. Contudo, há diversas bancas de comidas onde é oferecido lingüiça à calabresa e feijão tropeiro. Há também o mocotó com agrião, combinação incomum para o padrão nordestino, e a rabada, comida considerada “típica” do Sudeste. Nas barracas de discos pode-se encontrar Cazuzza, Julian Lenon, Zeca Pagodinho, Elton John, Roberto Carlos, Roberta Miranda e outros que não se

definiriam como nordestinos. Mesmo as bancas de cordel vendem as modinhas de Leandro e Leonardo e histórias de Giovanni Bocage. O artesanato de barro, couro, corda e madeira é bastante reduzido, prevalecendo intensamente os produtos do Paraguai, roupas e sapatos da confecção local.

Podemos perceber de imediato que a Feira de São Cristóvão, também chamada de Feira dos Nordestinos ou dos Paraíba, é um fenômeno urbano. Nele há uma multiplicidade de elementos que combinam, não de forma homogênea, o local e o regional. Mais do que um lugar, onde todos os fins de semana se permite aos nordestinos se reunirem para vender e comprar, a Feira de São Cristóvão maneja uma idéia de tradição nordestina.

Abner Cohen (1973), no seu trabalho sobre os Hausa de Ibadã, demonstra que a tradição cultural serve de reservatório, é o estoque de símbolos que um grupo vai buscar para atender às necessidades de adaptação a um aqui e um agora. Longe de usá-la para conservá-la como um todo, o grupo se serve seletivamente de certos traços, os quais funcionam como sinais distintivos para exibir seu pertencimento a uma dada forma coletiva de viver e a vida.

Portanto, a tradição está em contínua mudança, engendrando novos arranjos. Dentro desta visão, o que está em jogo é o contato, o encontro e não unidades. Ou seja, não é o sarapatel, o cordel, a cantoria e o

fórró em si. Isto só adquire sentido de nordestino na interação, no choque da atualização. A Feira de São Cristóvão possui um rearranjo que atende às contingências do viver nos dias atuais. A tradição é organizada para fazer com que as pessoas oriundas da região Nordeste emergam da população local como dotadas ou portadoras de algo exclusivo que funciona como sinais distintivos e delimitam fronteiras entre um grupo daqui e outro de lá. Contudo, estas fronteiras, segundo Barth, são tênues, porosas e permitem o fluxo, o tráfego de outros sinais, os quais são incorporados. Daí o porquê da presença do rock, do samba, do agrião, do feijão tropeiro e dos produtos do Paraguai no interior da Feira.

Assim, não é a tradição em si que comunica algo, mas sim, o modo como é utilizada. Seus sinais estão associados à ação. É no resultado de uma interação, na maneira de ser operada, colocada em execução que reside o seu sentido. Ela é manejada para chamar lealdades e compor grupos que vão lutar para garantir interesses econômicos e políticos, inclusive. A recuperação dos costumes, dos elementos tradicionais presentes na Feira de São Cristóvão é antes expressão do enfrentamento de um grupo à situação urbana da cidade do Rio de Janeiro.

A culinária, por exemplo, se constituiu numa das principais expressões da identidade regional. Ela informa sobre o habitus

gustativo do grupo. Suas preferências, seu gosto, sua técnica na utilização e preparo de alimentos. A culinária também indica a posição que o grupo ocupa na estrutura social. Sobre este ponto, Sahlins (1974) faz uma análise a respeito do consumo de carne na sociedade americana. Ele mostra que além de haver animais que se situam na classe dos não-comestíveis (o cavalo e o cachorro, por exemplo), há também partes da carne consideradas nobres e não-nobres. Entre as últimas estão as vísceras. Seu preço no mercado é mais baixo e são consumidas pelos grupos que se encontram numa posição hierarquicamente inferior na estrutura social: os pobres, os imigrantes, os negros, enfim, os economicamente despossuídos.

Na Feira de São Cristóvão, as vísceras entram no preparo de um dos pratos mais celebrados: o sarapatel. Ele é, entre as comidas consideradas tipicamente nordestinas, uma das preferidas. Há freqüentadores, inclusive, que utilizam o sarapatel como critério na escolha de uma barraca. Ele é feito do fígado, rim, língua, coração, bofe (pulmão) e sangue de porco. É tipo um cozido em que se juntam uma parte líquida espessa e outra parte sólida. Normalmente, vem acompanhado de arroz ou farinha de mandioca. É servido em um prato fundo e os participantes, com garfo e colher, compartilham da mesma porção. Na Feira, apenas os talheres e os copos são individuais. As porções de comida são colocadas sobre a mesa em um

único prato, no qual todos comem.

Os feirantes homens não participam do preparo do sarapatel. São as mulheres as responsáveis. Elas compram as vísceras já aferventadas, lavam, cortam em pedacinhos e levam ao fogo junto com temperos. Geralmente elas utilizam panelões enormes que ficam sob o fogo o tempo todo. Vez ou outra, usando grandes colheres de pau, mexem o sarapatel e, quando necessário, vão acrescentando mais temperos e os pedacinhos das vísceras, denominados de “miúdo”. São elas também que servem as porções pedidas pelos freqüentadores.

Escutamos várias vezes as referências ao “sarapatel legítimo”, isto é, aquele considerado como “típica-mente” nordestino. Quando indagamos sobre o que é um sarapatel legítimo, algumas das respostas foram:

“Aqui na Feira tem um pessoal que mistura com boi. Mas no nosso mesmo, o legítimo, feito lá no Norte é só com porco. Sarapatel é de porco”.

(Freqüentador - Guarabira/PB)

“Tem uns que bota louro, cominho. Mas isso lá não se usa, ou pelo menos num usava. Num sei hoje. Eu nunca tinha visto louro e comido uma comida com louro. Louro que eu conhecia era papagaio. Mas aqui é um tempero. Mas tem uma coisa é gostoso. Tem gente que fala: Ah! porque o sarapatel isso e aquilo. Mas é



gostoso! Se é gostoso vale, num é?

(Freqüentador - Nova Russas/CE)

Além dessas explicações, houve um freqüentador de Campina Grande (PB) que fez a seguinte observação:

“Já tive aqui banca de comida típica do Nordeste: sarapatel, cachorro-quente típico, mocotó com feijão de corda e tudo que é comida nordestina”

Estes depoimentos lidam com as modificações introduzidas no preparo do sarapatel. Enquanto um dos freqüentadores não aceita a combinação das

vísceras do porco com as do boi, o outro considera bem-vinda a adição de temperos antes desconhecidos. Para este, o que legitima a mudança na culinária é a experiência ser agradável e prazerosa (“se é gostoso vale”).

O sarapatel concebido como “típicamente nordestino” assume na Feira a condição de comida do final de semana. Isto pressupõe que as pessoas comem outros tipos de alimentos nos demais dias. Ou seja, cotidianamente elas experimentam ou exercitam sabores, cheiros, ingredientes, os quais entram num aprendizado, tornam-se *habitus* e, conseqüentemente, passam a compor silenciosamente o paladar

do grupo.

Portanto, a ida à Feira de São Cristóvão para saborear “comidas típicas” nordestinas não apenas evoca, lembra ou informa certas preferências, gostos e gestos. Ela, sobretudo, refaz e reconstrói o passado, a partir do que vem correndo nas vidas daqueles que migraram e vivem num grande centro urbano. A culinária, assim, vai incorporando novas formas de combinar ingredientes e produzir sabores. Com isto, ela vai se adaptando à realidade presente. Introduzindo elementos, mantendo outros, imitando e repetindo ela vai operando a reinvenção de uma tradição. Ou seja, novos arranjos entram na composição de um código gustativo.

O inesperado na expressão “cachorro-quente típico”- alimento associado a um estilo de vida urbano e à cultura americana - indica a força que a Feira possui em agregar elementos e transformá-los em símbolos de distintividade. Isto demonstra que ali se manipulam novos dados, procurando definir e reforçar uma singularidade. O que entra na Feira é elaborado sob o crivo da idéia de uma tradição.

A música é outro aspecto de grande força expressiva dentro da Feira, onde manifestações ditas tradicionais são engendradas. O Forró é uma dessas modalidades. Ele é visto como um ritmo e uma dança propriamente nordestinos. Os grupos de músicos que lá se apresentam são todos nordestinos, sugerindo que é mantido um monopólio nesse tipo de

atividade. Esses conjuntos de Forró são formados por três músicos que combinam o som da sanfona com a batida do zabumba e o repicar do triângulo. Todos trabalham com microfones e amplificadores de som nos quais a sanfona é conectada. Segundo eles, esta combinação é a base do forró. Contudo, na Feira, um quarto músico toma parte nesta formação. Ele entra para conjugar o som de um baixo elétrico aos demais instrumentos. Assim, novas combinações vão sendo feitas. Alguns músicos consideram que isto torna a música bonita e dá um efeito de qualidade no arranjo. Outros discordam, achando que isto está “errado” porque “altera a linha do forró”. Também entre os freqüentadores há divergências de opiniões. Uns não dão relevância ao fato porque desejam se divertir e o que importa é o ritmo “ser bom” e o “ambiente empolgante”. Outros, por sua vez, gostam porque a música fica com um “som legal”. Já outros falam que não é bom para o forró, mas agem de forma diferente; ficam na barraca, dançam, bebem, conversam, riem, enfim, se divertem.

Enquanto o conjunto estiver tocando as pessoas ficam dançando. O calor e o ritmo da música deixam seus corpos muito suados e mostrar-se assim, diante dos outros, é dar provas de que é um praticante e um conhecedor da técnica. Quando os músicos param de tocar para descansar, podem-se observar homens e mulheres fazendo largos gestos para tirar o suor do rosto e dos

braços. Cada um procura parecer para o outro como o mais suado, como se o suor fosse a medida do seu grau de pertencimento ao grupo nordestino.

O depoimento abaixo de um cantor, oriundo da Paraíba, que atua na Feira aponta para a produção do Forró como algo que marca a singularidade nordestina:

“Desde que existe mundo lá no Nordeste que o forró é eterno. Uma coisa que...tudo que se faz no Norte é com quê? É com forró! Cê vai prum comício, a política é forró. Vaquejada o cara faz um forró. Num casamento tem um forró. Num batizado tem um forró. Num aniversário tem um forró. Então é tudo. Forró tá ligado a nordestino. Em tudo que você faz. Você vai daqui pro Norte, passa 10 anos, chega lá o cara faz um forró. Eu já tô aqui dentro do forró a vida toda, cantando forró. Chego lá o cara faz um forró pra mim. Tudo, tudo tá ligado a isso”. “Todo mundo dança forró, qualquer pessoa dança forró. Um pouquinho de...você escuta, olha o cara dançar...você já aprendeu. Agora uma lambada! pouquíssima gente... eu não sei dançar. Eu não levo jeito...Forró não! quem não sabe arrastar um pé no chão? Você andando, arrastando um pé no chão, tá dançando. Todo mundo gosta. Todo mundo brinca”. “O carioca não leva jeito pra forró. Eles dançam, eles gostam, mas para eles tocar, pra eles dançar, dançam meio desajeitado, num sabem. Mas eles gostam e aprendem”. “O forró se expandiu porque toca no forró várias músicas. Toca pagode, entendeu? a gente toca samba, entendeu? a gente inova! Essas músicas sertanejas a gente leva no forró. Faz um arranjo e leva ela, entendeu?”.

O Forró é descrito como passando toda a trajetória da vida do nordestino. Ele acompanha todos os seus momentos significativos, indo desde os acontecimentos marcantes de sua biografia (casamento, batizado) até os mais comuns. Dentro desse ponto de vista, o forró se constitui numa das aquisições básicas da socialização desse grupo ("Forró tá ligado a nordestino. Em tudo que você faz", "Tudo, tudo tá ligado a isso") É um elemento constitutivo, fundante do grupo, por isso, vem permanecendo ao longo do tempo ("desde que existe mundo lá no Nordeste que o forró é eterno"). Portanto, ele é, por excelência, a expressão das disposições cognitivas e afetivas do nordestino, ou seja, seu ethos e visão de mundo.

O forró é visto ainda como uma dança simples, apanhada do cotidiano ("quem não sabe arrastar um pé no chão? Você andando, arrastando um pé no chão, tá dançando"). Por ser simples, não exige performance elaborada e, por isso, é acessível a qualquer um que queira desfrutá-la ("qualquer pessoa dança forró", "todo mundo gosta. Todo mundo brinca."). Contudo, é preciso ser nordestino para dançá-la com desenvoltura, graça e espontaneidade ("carioca não leva jeito pra forró", "dançam meio desajeitado."). Com isto, toda esta acessibilidade celebrada é restringida para firmar a exclusividade, a singularidade e o monopólio da habilidade do forró pelo nordestino.

Além disso, esse depoimento aponta para o fato de que a permanência de uma manifestação cultural, tida como tradicional, se deve a sua capacidade em estabelecer novos acordos com as condições de vida presentes. No Rio de Janeiro estão presentes a roda de samba, o pagode. Os músicos de forró, então, incorporam estes ritmos ao seu repertório. O gênero musical denominado sertanejo é o sucesso do momento, então o músico de forró o acolhe e reelabora este ritmo a partir de sua linguagem. Com isto, ele dá uma nova concepção tanto ao forró quanto aqueles outros gêneros musicais. Ele vai agindo feito um bricoleur. Pega um ritmo ali, outro acolá e reescreve um determinado arranjo musical, a partir do seu próprio código. Assim, os que fazem o forró, tanto músicos como público, se atualizam e possibilitam a permanência de um atributo distintivo do grupo nordestino; a habilidade em fazer, ver, escutar e dançar forró.

O "repente" é outro elemento apresentado como uma das expressões da legítima tradição musical e poética nordestinas. O repentista, também chamado de cantor de viola, faz os versos do seu canto de improviso, "na hora", momento em que procura se exibir como dotado de uma extraordinária imaginação, precisa memória e uma incomum rapidez de raciocínio. Procura arrebatar os que o ouvem com "tiradas de humor" e percebe a si mesmo como dotado de um dom. Sua voz

é áspera, roufenha e gritante. Não há nuance melódica, prevalecendo a uniformidade e a monotonia. Para o cantador sua única obrigação é seguir a cadência dos versos, não há nenhuma preocupação com compasso musical. É este caráter repetitivo que permite uma invenção enorme de versos. Há vários repentistas na Feira, inclusive jovens, o que põe em dúvida a posição de alguns folcloristas em anunciar que as tradições orais estão em extinção. Eles não "cantam no peito", mas com microfones e caixas de som de 250 kw. Segundo os cantadores Zé Duda e Miguel Bezerra, a "concorrência desleal" das demais barracas, sobretudo de discos, usando caixas de som possantes, abafam suas vozes, obrigando-os a lançar mão dos microfones. Esses cantadores se colocam como representantes de uma tradição que julgam ameaçada, mas que para eles está resistindo justamente pelo fato de ser uma "autêntica" manifestação da cultura nordestina. Contudo, eles conviveram com os discos até o momento em que não afetaram o seu trabalho. A partir daí, o poder de artilharia da noção de tradição passou a ser acionado. Não mais para compor ou fazer parte da Feira, mas sim, para garantir espaço e permanência nela. Este exemplo põe de forma explícita que a atualização da tradição passa pela interação, é organizada a partir dos encontros e do contato. Em outras palavras, é uma atualização do que é vivido hoje.

A situação do cordel também comporta uma análise

nessa direção. Se o cordel permanece na Feira é porque tem algum significado. Pessoas compram, caso contrário, esta atividade se tornaria inviável. Os cordelistas apontam três tipos de compradores: o comprador comum definido por eles como o "nortista", o turista e o pesquisador. Observamos que estes três grupos apresentam preferências e atitudes diferentes.

O comprador comum, o "nortista", adquire, no máximo, dois folhetos e sua preferência se concentra, prioritariamente, nos chamados "romance", ou seja, naquelas histórias tradicionais, consagradas, editadas pela Editora Luzeiro e que custam o dobro do preço.

Quem mais frequenta as bancas são homens. Eles se aproximam, passam as vistas nos folhetos pendurados no cordão, pegam aqueles que estão no tabuleiro e folheiam. Às vezes simplesmente olham, perguntam se há algum título e saem. São homens jovens e de mais idade. As mulheres, por outro lado, compram mais as "canções" e as revistas de "melodias". É muito pequeno o número de mulheres que se aproximando sozinhas, retire um folheto do tabuleiro para folhear e ler. Mesmo em companhia masculina, é comum se limitarem a olhar, como se o cordel não fosse para elas, não pertencesse ao seu mundo.

Este comportamento feminino não se encontra apenas entre mulheres de uma condição sócio-econômica inferior. Presenciamos um dia, numa das

bancas, um senhor que se identificou como "coleccionador amador", ou seja, "compro porque gosto disto há anos. Não sou professor, não faço nem pretendo fazer pesquisa". Ele estava acompanhado de sua esposa. Ambos bem vestidos, o que destoava dos demais freqüentadores. Eram cearenses, residiam em Brasília, onde ele exerce a profissão de advogado. Vieram à Feira para que ele adquirisse alguns cordéis. Nesta banca, ele comprou 27 folhetos. Escolheu pelos títulos, não folheou nem leu. Sua esposa em nenhum momento sequer tocou nos folhetos. Inclusive, não ficou de frente para o tabuleiro, postando-se ao lado da banca, o que dificulta um olhar detalhado sobre os folhetos. Ela não se mostrava aborrecida ou irritada. Seus gestos e movimentos denunciavam apenas que aquela atividade não fazia parte dos seus interesses.

O comprador comum, o "nortista", não se restringe apenas a olhar a capa e ler o título. Ele procura também o conteúdo. Eles costumam perguntar ao vendedor sobre a história ali contida e lêem alguns trechos antes de se decidirem a comprar. Um destes compradores, um casal de Mossoró (RN) - ele trabalhando de vigia e ela como doméstica - examinava com atenção o conteúdo das histórias e pedia sugestões não só ao vendedor como também para quem estava ao seu lado. O casal citava títulos já lidos e apontava para suas histórias preferidas. A esposa dava opiniões ao marido sobre quais

folhetos comprar e num dado momento, pegou um folheto leu para nós as partes que mais lhe agradavam e sugeriu que o levássemos "sem susto porque é bom". Tanto o marido como a esposa não ostentavam conhecimento. Suas atitudes eram espontâneas e ele nos fez o seguinte comentário:

"Prefiro essas histórias aqui (apontou para os cordéis publicados pela Editora Luzeiro) tem mais coisa pra ler. Essas aqui de 8 páginas num instante acaba. Eu num gosto. Nem eu nem minha mulher".

Tanto o marido quanto a esposa buscam no cordel um envolvimento com um tipo de narrativa que lhes proporcione deleite. Eles não procuram algo para um consumo imediato, querem uma trama, uma questão que os cativa. Para o marido, um cordel de 8 páginas (os atuais) não lhe possibilita esse tipo de prazer. Isto demonstra que as histórias tradicionais apresentando personagens heróicos e fantásticos ainda possuem ressonância no grupo. Daí, o sentido da Editora Luzeiro adquirir os direitos de publicação destas obras, continuar editando e esse tipo de cordel ainda permanecer vivo na Feira.

Outro grupo de compradores são os turistas. Estes compram pelos títulos, embora às vezes leiam algumas estrofes. Os preferidos são os satíricos e os de crítica social e política. Alguns conversam com o vendedor e perguntam por

títulos consagrados, como o "Romance do Pavão Misterioso".

O grupo dos pesquisadores, identificados normalmente como professores homens e principalmente do estrangeiro, compram muitos folhetos. Segundo um cordelista, as preferências deste grupo se aproximam daquelas que os turistas têm: "eles gostam de temas que versem sobre política e sociologia". Pedimos que nos fosse mostrado algum folheto de "sociologia". Ele nos indicou "Arquimedes - O Maior Sábio da Antiguidade", "Galileu Galilei - Vida e Obra". Para este cordelista, biografias são folhetos de sociologia e continuou dando o seu ponto de vista:

"São os que eu mais gosto de fazer, mas não têm saída, é só mesmo pra pesquisador. Pesquisador de bom nível. Na literatura o importante é aparecer. No Japão tem um professor fazendo um estudo sobre mim e na França também tem outros interessados".

Nesta observação ele aponta seu objetivo em construir uma reputação e aparecer através da literatura de cordel. Além disso, ele explica a razão de escrever certo tipo de cordel, o qual não sendo consumido pelo "nortista", atende a um outro público. Percebendo que determinado gênero responde a um comprador específico, o qual pode lhe garantir uma projeção nos meios acadêmico e literário, o cordelista diversifica sua produção. Com isto, ele aumenta as possibilidades de permanência do cordel na Feira.

Linnekin (1983) sublinha alguns pontos fundamentais para se pensar esta questão da tradição. Trabalhando com o caso dos movimentos nativistas havaianos, que elegem o estilo de vida das suas comunidades rurais como o reservatório do autêntico modo de ser do Havaí, ela demonstra que está idéia de tradição autêntica é uma ilusão. Isto porque a tradição está continuamente sendo constituída no presente. A autora argumenta que a tradição funciona como um modelo a priori do passado, mas que é no presente que um grupo, de forma consciente, seleciona e enfatiza determinados elementos. Para ela, a tradição é fluída, não permanece imutável, se modifica e se redefine dentro das condições de vida atuais, adquirindo assim um significado moderno.

A diversidade de padrões que hoje são acolhidos no interior da Feira são atualizações que vêm sendo operadas numa tradição. Elas respondem às condições de vida presente, vividas pelas pessoas que para lá se dirigem. Uma vez que a vida social é um processo ininterrupto de interações, propor o autêntico é falar do imobilizado, do que deixou de existir no tempo, ou seja, o que saiu da corrente das interações humanas. Portanto, o Nordeste não é aqui nem ali. Esse Nordeste é o resultado dos múltiplos contatos ocorridos na Feira que acontece, semanalmente, no Campo de São Cristóvão na cidade do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barth, Frederik - **Ethnic Groups and Boundaries**. London: George Allen and Unwin, 1969, *The Analysis of Complex Societies*. *Ethos*. 54 (3.4)
- Cohen, Abner - **Custom and Politics in Urban Africa: A Study of Hausa Migrants in Yoruba Towns**. University of California Press. Berkley and Los Angeles, 1973.
- Linnekin, Jocelyn - **Defining Tradition: Variations on the Hawaiian Identity**. *American Ethnologist*, 1983.
- Morales, Arrais Lúcia - **A Feira de São Cristóvão: Um Estudo de Identidade Regional**. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).
- Sahlins, Marshall - **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990
- São Cristóvão: **Um Bairro de Contrastes**. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes. Rio de Janeiro, 1991.

